



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

RUTE ANTÓNIO DA SILVA

**AS DINÂMICAS DE COOPERATIVISMO E AÇÕES SOLIDÁRIAS
NOS GRUPOS DE UDÂ (MANDJUANDADI) NO SEIO
DOS MANJACOS DE PECÍXE EM GUINÉ-BISSAU**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2022

RUTE ANTÓNIO DA SILVA

**AS DINÂMICAS DE COOPERATIVISMO E AÇÕES SOLIDÁRIAS
NOS GRUPOS DE UDÂ (MANDJUANDADI) NO SEIO
DOS MANJACOS DE PECÍXE EM GUINÉ-BISSAU**

Trabalho de Conclusão do Curso (TCC), modalidade projeto de pesquisa apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades, sob a orientação do professor Dr. Ismael Tcham.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2022

RUTE ANTÓNIO DA SILVA

**AS DINÂMICAS DE COOPERATIVISMO E AÇÕES SOLIDÁRIAS
NOS GRUPOS DE UDÂ (MANDJUANDADI) NO SEIO
DOS MANJACOS DE PECÍXE EM GUINÉ-BISSAU**

Trabalho de Conclusão do Curso (TCC), modalidade projeto de pesquisa apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades, sob a orientação do professor Dr. Ismael Tcham.

Data de aprovação: 09/02/2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ismael Tcham (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof.^a Dr.^a Ana Cláudia Gomes de Souza

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof. Dr. Paulo Gomez Vaz

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	PROBLEMATIZAÇÃO	8
3	OBJETIVOS	10
3.1	OBJETIVO GERAL	10
3.2	ESPECÍFICOS	10
4	HIPÓTESES	10
5	JUSTIFICATIVA	11
6	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
7	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	17
8	CRONOGRAMA	19
	Referências	20

1 INTRODUÇÃO

O presente projeto de pesquisa tem como finalidade, compreender a forma como os grupos de *Mandjuandadi* na Guiné-Bissau se estruturam e organizam os processos de cooperativismo solidaria para compartilhar as formas de resolução de interesses individuais e coletivos entre seus membros/as. Com isso, esses grupos de irmandade compostos basicamente por mulheres, são compreendidos como grupos de harmonia e solidariedade que desenvolvem atividades culturais, ações econômicas, práticas ritualísticas, interações lúdicas e solidaria que ocorrem nos bons e nos maus momentos de cada integrante do grupo, com a intenção de combater as situações enfrentadas por cada uma, tanto no seio familiar assim como em outras esferas sociais, com base no sentimento recíproco de irmandade.

As *Mandjuadadis* como associações femininas na Guiné-Bissau, não aparentam ser grupos associados a nenhuma instituição religiosa, portanto, as regras de conduta dos integrantes do grupo são determinadas e sancionadas pelos compromissos éticos individuais e responsabilidade moral assumido por cada membro/a em relação ao grupo como todo. E além da inexistência do vínculo com as religiões e práticas de religiosidades existentes na história do país, suas ações ou atividades não são reguladas no calendário das celebrações Católicas, Islâmicas ou das celebrações das festas das religiões tradicionais de diferentes grupos étnicos nacionais. Entretanto, a *Mandjuadadi* como associação, funciona de acordo com a própria dinâmica da sociedade local em que vive os seus integrantes, portanto, a sua função essencial é prestar solidariedade a cada associada no momento ás vezes de sufoco familiar, ou da incerteza social ou comunitária, assim como compartilhar momentos de alegria pessoal, no qual se usa instrumentos lúdicos para manter e fortalecer a identidade e solidariedade coletiva.

A sociedade guineense como um todo, apresenta uma grande diversidade étnica, cultural e linguística que reflete, demarca e caracteriza os grupos de *mandjuadadis* na Guiné-Bissau. Assim, o estudo dessas associações em cada localidade nos fornece um ângulo privilegiado para entender a dinâmica social de cada grupo em cada região do país. Salienta-se que, a pesquisa que ora propusemos, focaremos tão somente no caso das *Mandjuandadis* do grupo étnico Manjaco em específico, o conhecido como *Udân*, no entanto, usaremos o termo específico *Udâ*, fazendo referência ao grupo Manjaco de uma determinada zona, neste caso os Manjacos de Pecixe. Visto que, os termos *Urân*, *Udân* ou *Udâ*, variam, ou seja, são usados de acordo com as diferentes localidades povoadas pelo grupo étnico Manjaco na Guiné-Bissau.

A ilha de Pecíxe situa-se no Norte da Guiné-Bissau, concretamente na região de Cacheu, no setor de Caió, possui uma área de 168 km², e conta com cerca de 40 tabancas (povoados, aldeias ou vilas), cuja localidade principal é a vila de Injante. A ilha engloba mais de 6.500 habitantes, a língua falada é Manjaco, uma das etnias importantes que compõem a sociedade guineense, contando atualmente com mais de 72.000 falantes. As autoridades tradicionais do povo manjaco são compostas de comitês de pessoas destacadas e régulos das aldeias, que assumem também o papel de comunicador e intérprete do (*Irã*), um espírito dinâmico que funciona como intermediário entre homens e Deuses ou seja é considerado juiz na terra entre homens para os animistas. Que nas religiões de matriz africana que se popularizou no Brasil são chamadas de Orixás. Porém, não impede a presença da autoridade judicial moderna no seio desse grupo étnico. Embora sejam habitantes do interior, (Norte) do país, os Manjacos são povos emigrantes que, muito cedo a grande parte deles foram viver nos arredores da cidade de Bissau, tendo construído grandes comunidades nas periferias da cidade. Tudo indica que, deram uma grande contribuição na criação das *Mandjuandadis* do Capital Bissau (SEMEDO 2010).

Udâ é o termo em Manjaco, denominado irmandade em português, que significa grupo de pessoas homens e mulheres de quase mesma idade que se reúnem e se apoiam uns aos outros, nos trabalhos de campo, assim como nos momentos de festejos e de sofrimentos ou infortúnio, tomando como exemplo, *shara* (casamento), desgosto, cerimônias, cobertura de casas etc. os grupos de *Mandjuandadis* e os grupos dos Manjacos *Udâ* se assentam na mesma perspectiva. As imagens ilustradas em baixo, figura A e B, mostra uma das formas de vestimentas desses grupos, se vestem assim para a comemoração de *Udâ*, no *shara*, em algumas atividades políticas, nas cerimônias etc.



Fonte: Feliciano Antônio da Silva (2022).

Vale frisar que, a idade é um dos fatores que distingue os grupos uns dos outros, portanto, *Udâ* é um grupo de pessoas de quase mesma idade; significa que, as diferenças de idades devem ser de um (1) a dois (2) anos, não é permitido o indivíduo maior ou menor de três (3) anos de idade, pois essa diferença se configura na idade de um irmão mais novo/velho. Como demonstra a Odete Semedo:

As mandjuandadi criadas na praça/prasa [cidade] eram muito rigorosas no que dizia respeito às idades dos seus membros. Não se misturavam jovens e pessoas mais velhas nos convívios, pois acreditava-se, que “criança que convive com adultos em momentos de lazer pode escutar coisas inapropriadas. (SEMEDO, 2010 p. 142).

Udâ assim como qualquer organização, é um grupo regida de suas próprias normas e contribuições, porém, outras pessoas de fora do grupo que não conhecem no fundo o verdadeiro sentido e a finalidade dessas organizações, classificam os seus integrantes como pessoas incivilizadas “*gintius*”. Portanto, de maneira mais restrita, o presente projeto visa procurar analisar e aprofundar entendimentos sobre o assunto, e a forma como esses grupos se estruturam e se organizam os processos de cooperativismo solidaria para compartilhar as formas de resolução de interesses individuais e coletivos entre seus membros.

2 PROBLEMATIZAÇÃO

O debate sobre a história e a cultura guineense demonstra de forma inequívoca de que, o território da Guiné-Bissau é constituído por um quadro multireligioso, multiétnico, multilinguístico e multicultural, ou seja, essa diversidade cultural muitas das vezes é considerada riqueza cultural do país na qual cada grupo étnico participa e reproduz a dinâmica cultural de uma nação ou país, contudo, sem perder suas características e reconhecendo a existência de outros grupos étnicos culturais com respeito e valorização da diversidade.

Conforme a explicação de Odete Semedo (2010), a *Mandjuandadi* faz referência a termos como coletividade, entendida como um espaço de solidariedade mútua, no entanto, chama atenção de que, o termo também consta em diversas línguas guineense. Na etnia Balanta a relação entre indivíduos é chamada em termos de coletividade de *tiddi*; em outra etnia como Felupe de Suzana é *buiâbbu*; na etnia Fula *kilê*; em etnia Mancanha chama-se *b'thassar*; na etnia Mandinga é *kafonhómá*; em etnia Papel é chamada de *urana* enquanto que na etnia Manjaca é denominado *urân*, *udân* ou *Udâ*. Na Guiné-Bissau a *Mandjuandadi* independentemente da região, bairro ou o grupo étnico que a constitui, representa uma das formas da organização e da expressão cultural da sociedade guineense.

As associações de *Mandjuandadis* revela uma grande capacidade de organização para ações solidárias assim como as festas comunitárias que marcam e exaltam diferentes momentos de alegria do grupo, a energia pessoal e coletiva do grupo é tão envolvente que atualmente ganham uma notoriedade no cenário político e muita das vezes conquista espaços de barganha em alguns eventos nacionais, como, nas campanhas políticas, nas eleições legislativas e presidenciais. Sendo assim, nos dias atuais, não se pode negar o papel e a forma como os diferentes grupos ou coletividade guineenses contribuem para o desenvolvimento sociocultural do país.

Para Borges, 2000 *apud* Gomes (2019, p. 55), essas práticas associativas são oportunidade para que as mulheres possam criar redes de relações sociais fora dos seus lugares privados, ou seja, fora do universo familiar, permitindo a individualização das estratégias femininas, de sobrevivência e promoção socioeconômica, com base em relações sociais voluntárias, que implicam confiança e solidariedade, estas relações sociais privilegiadas são imprescindíveis, na incerteza das duras condições de vida que as mulheres enfrentam atualmente nas cidades. Para conseguir vantagens nos negócios, ultrapassar a burocracia dos procedimentos, é sempre preciso a ajuda de alguém.

Portanto, uma análise informal sobre esses grupos, em diferentes regiões, comunidade, bairros e localidades do país, mostra que, suas ações e procedimentos solidários variam de grupo para grupo. No caso do povo manjaco, a *Mandjuandadi* é de extrema importância nessa comunidade, visto que, expressa uma cultura hereditária, por se configurar num conhecimento tradicional praticado de geração para geração, e também pelas contribuições e solidariedades mútuas, razão pela qual se sentem ainda mais motivados a continuarem praticando. De acordo com Semedo (2010 p. 134), a *Mandjuandadi* é um espaço em que cada uma das mulheres, e cada um dos seus membros, se sentem livres; porque lá pode cantar, ostentar seus panos ou vestido novo, brincar, ser maliciosa e livre para expressar seus sentimentos, inclusive à sua sensualidade, tanto nos versos que canta quanto na sua performance tanto na fala como dança. Vale ressaltar que, as *Mandjuandadis* antigamente, eram grupos formados cujo foco era voltado unicamente na resolução dos seus problemas internos, tratar de seus interesses e ajudar a suprir as necessidades dos indivíduos que a compõe. Porém essas associações hoje em dia, já estão tomando partes em várias atividades nacionais como citado acima, (campanhas eleitorais).

Mediante aos fatos acima mencionados, elaboramos as seguintes perguntas de partida: em que circunstâncias surgiram os grupos de *Mandjuandadi* dos Manjacos de Pecixe (*Udâ*) e quais princípios que os distinguem dos demais grupos de *Mandjuandadis* da Guiné-Bissau? Que riscos que os grupos de *Mandjuandadis* enfrentam quando se vinculam suas ações solidárias e cooperativas as organizações partidárias do país? Como é estabelecida a estrutura organizacional do grupo de *Mandjuandadi* de Pecixe assim como as formas solidárias de resolução de interesses individuais e coletivas dos integrantes do grupo?

Essas perguntas nortearão o desenvolvimento da nossa pesquisa, que serão respondidas pelas interlocutoras mediante a investigação junto aos grupos de *Mandjuandadis* em pecixe, na Guiné-Bissau. Assim o nosso propósito é tentar trazer os fatores que impulsionam o ingresso, a manutenção das mulheres nessas associações, e também as diferenças ou as mudanças verificadas entre as *Mandjuandadis* antigas e às *Mandjuandadis* contemporâneo.

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Analisar os processos de cooperativismo e ações solidaria entre os membros dos grupos de *Mandjuandadi* em Pecíxe assim como sua estrutura e as atividades frequentes que as mantem ligadas entre si no cotidiano.

3.2 ESPECÍFICOS

- Compreender a estrutura organizacional de *Udâ* e formas de manutenção de solidariedade do grupo social Manjaco em Pecíxe;
- Examinar a forma da prática de *Udâ* nos dias atuais em relação aos tempos remotos para compreender as mudanças ocorridas na *Mandjuandadi* contemporânea.
- Entender a relação entre os membros ou participante de *Udâ* “*mandjuandadi*” com as demais formas de socialização dos Manjacos.

4 HIPÓTESES

Partimos do pressuposto de que, as *Mandjuandadis* antigamente eram grupos voltados unicamente as ações solidárias no âmbito comunitário, visando atender as necessidades dos seus integrantes, no entanto, hoje em dia já estão tomando parte em outras atividades como partidárias, Desse modo, esses vínculos podem criar discórdias internas entre eles, levando aos desvios dos propósitos do grupo se considerar a possibilidade de haver diferentes preferencias de partidos políticos. *Udâ* é uma cultura exclusiva do povo manjaco, que partilham os mesmos costumes, e língua. Enquanto que as *Mandjuandadis* não pertencem apenas a um grupo étnico, mas sim é do domínio geral, que engloba pessoas de diferentes etnias, religiões, culturas, línguas e costumes. Desse modo, os nomes dos grupos, as danças, cantigas (musicas) vestimentas e a organização das festas diferem esses grupos. Nas épocas chuvosas ou em tempos de colheita, os grupos localizados em pecíxe fazem trabalhos em conjunto, de modo que, cada membro possui direito de escolher um dia em que os demais vão

lhe ajudar no campo, também realizam trabalhos para outras famílias fora do grupo, para angariar fundo.

5 JUSTIFICATIVA

O presente projeto de pesquisa justifica-se em proporcionar um debate sobre a questão sociocultural da sociedade guineense, principalmente no que se refere à forma de solidariedade entre mulheres da etnia Manjaca em Pecixe. É evidente que as formas de coligação entre diferentes grupos formados pelas pessoas da mesma geração conhecido no grupo étnico Manjacos como *Udân* ou *Udâ*, isto é, dependendo da região, na maioria das vezes são subalternizados ou negligenciadas o verdadeiro sentido da harmonia existentes entre tais participantes ainda mais quando são formadas pelas mulheres, resumindo assim apenas as práticas de festividades até mesmo possibilidades de adultério por parte das pessoas que nele participam.

Portanto, esse aspecto acaba de alguma forma por ocultar o caráter social desempenhado por esses grupos, pois para quem é integrante de um grupo de *Udâ* sabe dos momentos de fraternidade, comprometimento recíproco, carinho, irmandade e aconselhamentos que reina no grupo reciprocamente. Assim, as ações de caráter educativas, orientações ou outros fatores da mudança do comportamento social de respeito originado por esses grupos a solidariedade entre ambas, muita das vezes não são enfatizadas nas menções de outros grupos em diferentes ocasiões das exposições ou, sobretudo nas atividades culturais promovidas por homens.

Desse modo, a minha intenção em trabalhar essa temática surgiu praticamente desde a minha chegada a UNILAB, já no meu primeiro semestre do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, após tomar conhecimento de que, teria que elaborar um TCC (trabalho de conclusão de curso) para apresentar no final do mesmo, logo fiquei interessada em pesquisar qualquer tema relacionado à cultura do povo Manjaco.

A partir deste entendimento, comecei a pensar em como formular uma temática voltada a esse povo, para isso, comecei a procurar bibliografias, e foi assim que tive contato com livro da autoria de Odete Costa Semedo, Manuela Borges Domingues e de alguns TCC desenvolvidos e apresentados na UNILAB que traziam abordagens sobre as *mandjuandadis*

de outras regiões, comunidades, tabancas ou aldeias e grupos de alguns bairros de Bissau, o que me impulsionou bastante a trabalhar com esse tema.

Entretanto, já no segundo semestre, na disciplina de Metodologia interdisciplinar I, precisava entregar um tema de pesquisa para elaboração do pré-projeto, então decidi pesquisar sobre “*Mandjuandadi*” no contexto do povo manjaco. Todavia, desde antemão já estava ciente das dificuldades de materiais apropriados para abordar as temáticas desse gênero por ser mais restringido a um certo grupo, social localizado no interior do país, porém, mesmo assim, preferi continuar na mesma linha.

Vale ressaltar que, pertencço a este grupo social a qual pretendo pesquisar sobre sua cultura, onde na minha infância tive a oportunidade de assistir os/as mais velhos e velhas a vivenciarem os momentos de festejos e solidariedades, pois a maior parte da minha família como (minha mãe, minhas tias, tios e suas esposas) são integrantes de *Udâ*. Portanto, estudar e entender como se organiza este povo é indispensável para que possamos alcançar maior êxito. É necessário pontuar que, essas organizações ou coletividades instigam os seus participantes na sua maioria mulheres a lutarem pelas suas independências financeiras, para de alguma forma estabelecer a igualdade social, ainda mais quando seu companheiro ou marido não apoia a sua permanência no grupo, lembrando que, nesse espaço todos são tratados de modo igual, porém, as mulheres são um pouco mais privilegiadas.

Do ponto de vista da relevância social, vale enfatizar que, estudar *Udâ* e a sua contribuição para o povo Manjaco, se faz necessário e é de extrema importância não só para o povo Manjaco e sim para os guineenses de modo geral, na medida em que, este trabalho pode lhes permitir conhecer parte da realidade social Manjaco em relação a sua organização, o funcionamento e a forma de solidariedade conhecido como *Udâ*. Também pode oferecer pistas para conhecer as particularidades culturais, linguagem, tradições, costumes, formas de organização familiar, religião, entre outras características culturais próprias que o povo Manjaco representa em meio à diversidade cultural na Guiné-Bissau.

Por conseguinte, os trabalhos com essas características antropológicas e voltadas a um determinado povo africano, servirão de suporte para futuros pesquisadores/as que se interessarão em estudar sobre essa temática, aumentar os poucos materiais já existentes nas bibliotecas, e também serão fundamentais para mudança da visão lógica do ocidente em relação a essas culturas. Para tanto, essa é a nossa finalidade, tentar trazer as questões de grande relevância que podem ser encontradas nesses grupos, não só aqueles que conhecemos no caso das participações desses grupos nas festas de casamento, cerimônias tradicionais,

dança etc., porém os grupos de *Udâ* solidarizam entre si nos momentos difíceis de cada membro participante. Além disso, a pesquisa desse caráter é fundamental para a manutenção, divulgação e solidificação de uma cultura.

6 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No presente tópico pretendo trazer um quadro teórico das abordagens feitas sobre *Mandjuandadi*, focando em explicitar a origem e a história de *Mandjuandadi*, a contribuição social, cultural e econômico desses grupos, *Udâ* e o povo manjaco. Para tanto, os trabalhos de Semedo (2010), Mbundé (2016), Domingues (2000), servirão de base teórica para realização deste trabalho, além de entrevistas com alguns participantes de diferentes grupos de *Udâ*.

Antes de entrarmos na discussão propriamente dita, é imprescindível buscarmos a origem do termo *Mandjuandadi*. A escritora guineense Odete Costa Semedo, em sua tese de doutorado apresentado em 2010, busca compreender a origem do termo *Mandjuandadi*, de modo que, demonstra de forma explícita que o surgimento do termo se configura numa incógnita, pois, os membros de diferentes grupos de *Mandjuandadis* objetos da sua pesquisa tanto no capital, assim como no interior da Guiné-Bissau, foram unânimes em apontar de que desconhecem o exato momento do surgimento do termo, no entanto, a explicação que os entrevistados davam é de que, nasceram e aprenderam com os mais velhos e se sentem motivados a continuar a prática, por configurar a diversão e harmonia na sociedade em que vivem (SEMEDO, 2010, P. 136).

De acordo com Semedo (2010), a origem das *Mandjuandadi* nos centros urbanos da Guiné-Bissau se vincula a estratificação social posta pelo sistema colonial português, porém, as *Mandjuandadi* já existiam como grupo de pessoas da mesma faixa etária, criada para realização de trabalhos nas aldeias. Essas organizações comunitárias acompanharam ao longo dos tempos o desenvolvimento social dos locais mais recônditos do país. Ainda de acordo com ela, os primeiros autores a usar a palavra *mandjuandadi* foram António Carreira e Fernando Rogado Quintino, no entanto, Carreira afirma no seu artigo publicado no Boletim Colonial da Guiné Portuguesa (BCGP), que “os grupos organizados para fins sociais definiam-se pelo vocábulo crioula (que parece ligar-se à raiz manjaca) de *Manjoandade*, utilizado no sentido de: da mesma idade; da mesma estatura; da mesma geração; idêntico; igual; semelhante.” Carreira assegura que, o vocábulo empregado por “indivíduos do mesmo

escalão, com direitos e obrigações Equivalentes, pertencem, na expressão crioula, já generalizada, à mesma *Manjoandade*”. (CAREIRA, 1960, p. 665, APUD SEMEDO, 2010, p. 127).

Enquanto que, Pinto Bull (1989, p. 171) se limita apenas em considerar as *mandjuandadis* como “uma velha tradição, escrupulosamente respeitada na Guiné”, e não fala da sua origem, do seu significado, nem da época do seu surgimento. Entretanto, Baechler (1995) compreende as dinâmicas de sociabilidade como a capacidade humana de criar redes, através das quais as unidades de atividades, individuais ou coletivas, fazem circular gostos paixões, opiniões, etc.

Por outro lado, Domingues (2000 p. 428.) enfatiza que, “o significado de grupo constituído pelos que foram iniciados na vida adulta ao mesmo tempo, fato que criaria laços de amizade e solidariedade entre eles. Os grupos assim constituídos, atuavam conjuntamente, quer durante os trabalhos agrícolas que eram chamados a realizar para as famílias, quer durante as festas e rituais familiares, os seus membros eram ainda identificados socialmente em relação à sua *mandjuandade*”.

As *mandjuandadis* além de serem um espaço de diversão, é também caracterizada como, uma organização associativa informal e voluntária da Guiné-Bissau como pontua Mbundé (2016)

Partindo deste ponto de vista, as práticas associativas podem constituir instituições educativas na medida em que, mesmo se através de uma aprendizagem não organizada ou estruturada (em termos de objetivos, de tempo ou de recursos), e de forma não intencional, que não conduz a qualquer certificação, desenvolvem práticas que preparam os envolvidos para assumirem as suas responsabilidades na vida, adquirirem recursos e capacidades para lidarem com um mundo competitivo, tomarem decisões informadas e participarem ativamente no processo de desenvolvimento. Estamos, pois, a falar de processos de educação que decorrem informalmente no contexto associativo, ou antes, uma vez que esta educação não é organizada e intencional, de uma aprendizagem informal. Mas a educação trata fundamentalmente da aprendizagem, por isso usamos aqui educação informal no sentido de aprendizagem informal, [...] BORGES (2010 APUD MBUNDÉ 2016 p. 64).

Do mesmo modo, baseando na nossa experiência e convivência com membros de diferentes grupos de *Udâ* (homens e mulheres), também demonstram a unanimidade sobre o desconhecimento da data específico do surgimento do mesmo, dessa forma, a explicação dada por eles é: *nó padidu nó odja nó garandis na bai Colegaçon, nó sigui sé passos suma i um lugar di brincadera i harmonia* – **TRADUÇÃO** (nascemos, crescemos e vendo os/as mais

velhos/as praticando *Udâ*, e seguimos nos passos deles/as por se configurar em um espaço de diversão e harmonia).

Normalmente, inicia-se com a junção de colegas de uma determinada tabanca (povoado, aldeia), a partir de pequenos *djumbai* (diversão), no caminho de *fonti* (poço), lagoas, como mostra Mbundé, “a origem de *mandjuandadi* (*Udâ*) nas suas primeiras formas se relacionam com fato de que a maioria dos membros do grupo morava perto ou na mesma aldeia. A dinâmica dos trabalhos como buscar água, cortar lenha, lavar roupa, vender guloseimas, ir à costureira, entre outras, influenciou grupos de jovens, de mulheres a se ajudarem mutuamente nos trabalhos domésticos e outras atividades grupais” (MBUNDÉ 2016, p. 52). Portanto, parece que muitos desses grupos iniciam assim de forma espontâneo, para depois ser formado oficialmente, recebendo um nome próprio e a estrutura hierárquica.

Os seus membros se reúnem uma vez por semana, com um valor estipulado ao pagamento de cotas, vale lembrar que a ausência de um membro implica no pagamento de multa. *Udâ* possui uma estrutura constituída por presidente, vice-presidente, rainha, tesoureiro/a, administrador/a, cozinheira, animadora dentre outros. Esses líderes dos grupos são escolhidos pelos membros através de um consenso. No entanto, os cargos são atribuídos por mérito e pela participação ativa nas atividades do grupo. Cada um desses líderes possuem suas funções, porém, os cargos mais importantes na estrutura hierárquica são os de Presidente e da Rainha. Os grupos de *Mandjuandadis* de Pecixe parecem ser organizações com estruturas regidas, com suas próprias regras, princípios e atribuições, que também abrange o campo político, social, econômico.

As atividades que o grupo realiza frequentemente são; reuniões, pagamento de cotas, (abotas) as participações nos eventos como; cerimônias, festas, ações de solidariedade nos velórios, às lavouras, as colheitas individuais e coletivas nas épocas chuvosas para angariar fundos. Como citado acima, essas associações mantêm se solidários aos seus membros em momentos da festa, na alegria e tristeza, como a perda de uma pessoa, um ente querida, ajudando de qualquer forma possível tanto em termos psicológicos quanto econômicos para que essa pessoa supere a perda. Por exemplo, quando um dos integrantes tiver desgosto ou falecimento da pessoa próxima, os demais colegas, além de marcarem suas presenças no local para se solidarizar, cada membro do grupo deve dar a contribuição de um pano de pente.

O dinheiro do pagamento das cotas e multas é destinado a fundo do grupo, com a finalidade de organizar a festa, uma comemoração que é realizada uma vez por ano, denominada *kumé colegaçon*, onde os membros escolhem o tipo de vestuário que será usado

no dia da comemoração, (figura C). Em caso de algum imprevisto com um membro que está precisando do dinheiro urgente, ele pode solicitar o empréstimo ao grupo, dando a garantia do prazo para devolução do dinheiro.



Fonte: Noé A. Pires (2022).

As semelhanças e as diferenças entre os grupos de *Mandjuandadis* e grupos dos manjacos *Udâ*. Como havia citado acima, esses grupos são semelhantes em alguns pontos, porém diferentes em outros. De acordo com Gomes (2019, p. 60) na sua pesquisa de pós-graduação, através dos relatos dos integrantes dos grupos de *Mandjuandadis BABOCK E BONTCHE* seu objeto de estudo, demonstra que, as *mandjuandadis* são grupos formados por mulheres, ou seja, há participação predominantemente de mulheres, tendo apenas um homem denominado rei do grupo, normalmente o grupo possui um Rei e uma Rainha, ambos eleitos dentro do grupo, sendo assim, a liderança fica por conta das mulheres que pertencem ao grupo.

Enquanto que, nos grupos dos manjacos, baseado em nossa experiência de convivência e conversas através de ligações via whatsapp com alguns membros de *Udâ KANELANE* isto é, *colegaçon* ou (*mandjuandadi* de chave) e de *Udâ Kebá* (*mandjuandadi* de Kebá) parece que, o grupo engloba homens e mulheres, que possuem mesmos direitos, na tomada de decisão dependendo do cargo que lhe foi atribuída. Faz se necessário frisar que, *Udâ*, embora seja uma cultura hereditária no contexto manjaco, porém nem todo os indivíduos dessa etnia participam dela, pois, ela é uma escolha particular e voluntaria. Diante dos fatos supracitados, acredito que, essa diferença se dá a partir da ideia de que *Udâ* é a tradição

exclusiva de um povo, com os mesmos costumes no que se refere às danças, cantos, língua, vestimentas dentre outros. Portanto, os integrantes já crescem acompanhando essa organização, pelo fato de ser filho ou parente de algum membro do mesmo. Vale salientar que, *Udâ* não está relacionada a nenhum tipo de cerimonia, sendo assim, não é um rito de passagem, pois, para ingressar nela não precisa se submeter à nenhum ritual, portanto, é só demonstrar o interesse, cumprir com requisitos e claro, ciente de todas as obrigações para com o grupo e respeito com os demais colegas.

7 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Todas as pesquisas científicas precisam de uma forma ou modelo para serem elaboradas (MINAYO 2001). Desse modo, para realização desta pesquisa, primeiramente faremos o levantamento bibliográfico acerca da temática, ou seja, realizaremos uma investigação histórica para melhor compreender o fenômeno social sobre o qual estamos a debruçar no intuito de aprofundar nosso conhecimento sobre o assunto.

De acordo com Fonseca (2002) a pesquisa bibliográfica se realiza a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros artigos científicos e pagina de *web sites*. Qualquer trabalho começa ou deve começar com uma pesquisa bibliográfica, pois permite que o pesquisador/a conheça o que já se estudou sobre o assunto. Entretanto, Nessa mesma linha do pensamento, Marconi (2015) também defende que, a pesquisa bibliográfica se refere ao levantamento bibliográficas já publicada no formato de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. Com a finalidade de colocar o pesquisador/a em contato direto com o que foi escrito sobre um determinado assunto.

Isto demonstra a nossa escolha pela abordagem qualitativa a qual segundo Minayo (2001), é de extrema relevância para pesquisa social, pois é um método que tende estudar os aspectos subjetivos dos fenômenos sociais e do comportamento humano, sem contar que, esse método nos permite levantar os dados sobre realidade a ser investigada, assim:

A pesquisa qualitativa é o meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou grupos atribuem a um problema social ou humano. O processo de pesquisa envolve as questões e os procedimentos que emergem os dados tipicamente coletados no ambiente do participante, as análises dos dados indutivamente construídas a partir das particularidades para os temas gerais e as interpretações

feitas pelo pesquisador acerca do significado dos dados. Aqueles que se envolvem nessa forma de investigação apoiam uma maneira de encarar a pesquisa que honra um estilo indutivo, um foco no significado individual e na importância da interpretação da complexidade de uma situação [...] (CRESWELL, 2010, p.26).

Portanto, a abordagem do autor nos mostra a importância do método qualitativo e como ele enquadra com a pesquisa que pretendemos desenvolver. Assim a pesquisa teórica bibliográfica será articulada com os dados do campo, ou seja, realizaremos a pesquisa de campo, que irá nos permitir obter contato com o objeto ou fenômeno do estudo, isto é, com participantes de diferentes grupos de *Udâ* (homens e mulheres) a fim de ter embasamento para esclarecer os fatos sobre essa cultura.

Segundo Gil (2008), o estudo de campo é um tipo de pesquisa onde o/a pesquisador/a estuda um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação entre seus componentes. Dessa forma, o estudo de campo tende a utilizar muito mais técnicas de observação do que de interrogação. Além disso, ele procura mais o aprofundamento das questões propostas do que a distribuição das características da população segundo determinadas variáveis. E conta com suas possíveis limitações.

A pesquisa de campo será feita através da realização de uma entrevista semiestruturada. Demo (1995) define essa entrevista como a atividade científica que permite ao pesquisador/a descobrir a realidade. Quase na mesma linha de pensamento, Minayo (1996) defende ser a técnica que permite ao pesquisador aproximar os fatos ocorridos na realidade da teoria existente sobre o assunto analisado a partir da combinação entre ambos. Na base disso, a nossa entrevista será feita interpessoal, isto é, face a face, com os participantes de diferentes grupos *Udâ* e será gravada em áudio que será transcrita depois, sendo a escolha dos interlocutores/as será definida em comum acordo com os dirigentes ou integrantes do grupo de *Mandjuandadi* estudado.

8 CRONOGRAMA

ATIVIDADES					
SEMESTRES	2°	3°	4°	5°	6°
Revisão Bibliográfica	X	X	X	--	--
Pesquisa de Campo	--	--	X	--	--
Análises dos dados	--	--	X	X	--
Execução do projeto	--	--	--	X	X
Redação e apresentação do projeto	--	--	--	X	X
Ajustes e entrega final	--	--	--	--	X

Referências

- BAECHLER, Jean. **Grupos e Sociabilidade**, IN: Tratado de Sociologia, sob a direção de Raymond Boudon. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1995.
- BULL, Benjamim Pinto, **O Crioulo da Guiné-Bissau**. Filosofia e sabedoria. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa; Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas, 1989.
- CRESWELL, John w. **Projeto de pesquisa, métodos, qualitativo, quantitativo e misto**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3ª Ed. São Paulo: Atlas, 1995.
- DOMINGUES, Maria Manuela Abreu Borges. **Estratégias femininas entre as videiras de Bissau**. Tese (Doutorado em Antropologia Cultural e Social), Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2000.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6ª Edição. São Paulo: Editora Atlas, 2008.
- GOMES, PETI MAMA. **Mulheres Em Associação Na Guiné-Bissau: Gênero E Poder Em Babock E Bontche**. Redenção 2019 Disponível online.
- MANZINI, E.J. **Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista Semiestruturada**. In: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M.A.; OMOTE; S. (Orgs.) Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial. Londrina: Eduel, 2003. p.11-25.
- MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia de trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos- 7.ed.rev.ampl**. São Paulo: Atlas, 2015.225p.
- MBUNDÉ, Daiana Fernando. **Emancipação feminina na Guiné-Bissau na área política e social**. Redenção: 2016.
- MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MINAYO, Maria Cecília de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 3.ed São Paulo: Hucitec/Rio de Janeiro: Abrasco, 1996.
- SEMEDO, Maria Odete da Costa. **As mandjuandadi – cantigas de mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à literatura**. Tese (Doutorado em Literaturas de Línguas Portuguesas), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_SemedoMO_1.pdf>. Acesso em: 20 dezembro. 2019.